



## ENTREVISTA



## Reflexões sobre educação, juventudes e violências nas escolas: entrevista com Miriam Abramovay

Letícia Camargo Macedo, *Universidade do Planalto Catarinense*

Mareli Eliane Graupe, *Universidade do Planalto Catarinense*

---

Resumo. Esta entrevista com Miriam Abramovay, contextualiza a temática das violências e juventudes no panorama mais abrangente dos estudos sobre violências nas escolas. As pesquisas de Miriam Abramovay sobre violências escolares no Brasil revelam um fenômeno complexo e multifacetado, caracterizado por diversas expressões de violências, desde o *bullying*, a discriminação, o racismo estrutural até a violência física e sexual. Na entrevista, ela compartilha os resultados de suas pesquisas que apontam para a influência de fatores como desigualdades socioeconômicas, questões de gênero, raça e orientação sexual, e as violências presentes na sociedade como elementos que permeiam e intensificam as violências no ambiente escolar. Abramovay também ressalta a importância de se considerar a perspectiva de diferentes personagens envolvidas/os – estudantes, docentes e gestoras/es – para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno e para a formulação de estratégias de prevenção e intervenção eficazes. A entrevistada destaca a urgência de políticas públicas e práticas pedagógicas que promovam a cultura de paz, o respeito à diversidade e a construção de ambientes escolares seguros e acolhedores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência escolar. Ações de prevenção. Juventudes. Escola.

---



## Considerações iniciais

Esta entrevista foi realizada no dia 27 de fevereiro de 2025, com Miriam Abramovay, socióloga internacionalmente reconhecida, uma das principais referências nos estudos sobre juventudes, violências, políticas públicas, gênero e educação. Além de coordenar diversas pesquisas de grande impacto na área, em parceria com instituições como UNESCO, UNICEF e BID, integrou o grupo de especialistas em violências nas escolas do Ministério da Educação (2023). Em 2025, ela atua como coordenadora do programa de estudos sobre Juventudes, Educação e Gênero: Violências e Resistências, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO Brasil) e é professora convidada do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV USP).

Inicialmente, apresentamos como o contexto que antecedeu o contato com Miriam Abramovay e no qual realizamos a entrevista por meio da plataforma Google Meet, em 27 de fevereiro de 2025.

Miriam Abramovay foi o principal referencial teórico que utilizamos na pesquisa interinstitucional “Enfrentamento de violências nas escolas de Santa Catarina: inovações educacionais no contexto da pandemia/COVID-19”, realizada entre julho de 2021 a julho de 2023 por uma equipe de pesquisadoras da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com financiamento da FAPESC.

No mês de junho de 2023, o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC nos convidou para participar e apresentar alguns dados do projeto interinstitucional, na Oitava solicitada pela Coordenação Geral de Políticas Educacionais para as Juventudes (CGJUV), que aconteceu no dia 19 de junho de 2023. Nesta oitava conhecemos virtualmente Miriam Abramovay e, aproveitamos para convidá-la a participar da Jornada de Apresentação e Avaliação dos resultados da nossa pesquisa interinstitucional via *Google Meet*, que aconteceu no auditório da reitoria da UDESC, no dia 04 de agosto de 2023.

No ano de 2024, junto com a mestranda Letícia Camargo Macedo, que estuda sobre a prevenção às violências escolares, escolhemos como estratégia metodológica a realização de entrevistas com especialistas do tema. Pensamos imediatamente na principal referência teórica deste



campo, a professora Miriam Abramovay, entramos em contato com, que gentilmente acolheu nosso pedido.

No desenrolar da entrevista, solicitamos autorização para publicá-la na íntegra, neste número sobre Educação, dos Cadernos de Gênero e Diversidade.

A entrevista foi realizada no dia 27 de fevereiro de 2025, via Google Meet. Um aspecto que merece destaque reside na notável sensibilidade, abertura e disponibilidade demonstrada pela pesquisadora, evidenciando sua generosidade e sinceridade durante a interação. Ficamos impressionadas com sua postura ética e o compartilhamento com entusiasmo de experiências pessoais significativas, enriquecendo a dinâmica da entrevista e a compreensão dos desafios do campo de pesquisa envolvendo as violências escolares.

A realização desta entrevista possibilitou uma oportunidade ímpar de contextualizar a pesquisa em relação ao panorama mais amplo dos estudos sobre violência escolar no Brasil e internacionalmente. Sua visão sobre a evolução do campo, as principais tendências, os desafios emergentes e as lacunas existentes constituiu-se em um referencial valioso para posicionar a dissertação e destacar sua contribuição específica. Além disso, o contato direto com uma pesquisadora que é uma das maiores autoridades no tema não apenas eleva o nível da discussão, mas também demonstra o comprometimento da/o pesquisador/a em estabelecer um diálogo crítico com o conhecimento consolidado e com os atuais desafios deste campo de estudo. Em síntese, a oportunidade de discutir ideias, confrontar perspectivas e receber feedback de uma especialista renomada contribuiu significativamente para o aprimoramento da análise e para a produção de um conhecimento com maior potencial de impacto social.

## **Entrevista com a Profa. Dra. Miriam Abramovay**

**Entrevistadoras:** Ao longo da sua trajetória e considerando sua formação, como se deu o contato com a temática das violências nas escolas? Como você chegou a este objeto?

**Miriam Abramovay:** Eu comecei a trabalhar com a questão da adolescência e juventude e a questão das violências na escola não era um



tema. Só que eu trabalhei em São Salvador (El Salvador), onde existe um número muito grande de gangues (ou de “*pandillas*”, como eles chamam), e foi a partir daí que esse tema me chamou muitíssimo atenção. Era um trabalho que eu estava fazendo com o BID<sup>1</sup>, sobre o que acontecia dentro das escolas e o quanto as escolas foram marcadas pelas violências. Nessa época - e isso tem muitos anos, eram violências principalmente como brigas entre grupos e gangues que existiam e tinham origem em grupos formados nos Estados Unidos e deportados de volta para El Salvador.

Eu voltei para o Brasil e comecei a pesquisar juventudes também. E nosso primeiro trabalho na UNESCO<sup>2</sup> foi sobre juventude e violência. Então nessa época o professor Julio Jacobo Waiselfisz começou a elaborar os Mapas da Violência<sup>3</sup>, e a partir deles nós tivemos oportunidade, na UNESCO, de propor pesquisa sobre juventudes e escola<sup>4</sup>. E quando nós chegamos dentro das escolas para fazer a pesquisa, começaram a aparecer todos os temas que aparecem até hoje e não foram resolvidos: brigas, agressões físicas, furtos, agressões contra os professores, professores contra os alunos, homofobia (foi a primeira vez que apareceu) e racismo, de forma muito contundente. Então são temas que saíram do campo, foi o campo que me chamou para pesquisar violências em vários formatos.

Quando nós acabamos essa série sobre juventudes e violência (foram pesquisados quatro estados, então foram quatro livros, cada um se chamou de uma forma), a partir daí surgiu a ideia e a preocupação: o que é que está acontecendo na escola? Nós nunca poderíamos imaginar que as escolas apresentassem esse nível de violência. E aí nós fizemos a

<sup>1</sup> Banco Interamericano de Desenvolvimento.

<sup>2</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>3</sup> Os Mapas da Violência são uma série de estudos e relatórios produzidos pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz a partir de 1998, que analisam a distribuição e as tendências da violência no Brasil. Esses mapas são referências importantes para a compreensão das dinâmicas da violência no país, abordando temas como homicídios, violência contra jovens, mulheres, negros e outros grupos vulneráveis, além de aspectos como o acesso a armas de fogo e a relação entre violência e desigualdade social. Os relatórios tiveram o apoio de instituições como a UNESCO, o Ministério da Justiça e outras organizações que viabilizaram a produção e divulgação dos relatórios, contudo, a produção dos Mapas da Violência foi interrompida em 2016 devido a cortes orçamentários e mudanças nas políticas públicas relacionadas à pesquisa social.

<sup>4</sup> WASELFISSZ, Julio Jacobo; ABRAMOVAY, Miriam. Violência nas Escolas. Brasília: UNESCO, 2002. Essa pesquisa analisou a percepção de violência no ambiente escolar a partir de entrevistas com alunos, professores e funcionários de escolas públicas brasileiras. O estudo revelou dados importantes sobre como a violência afeta a dinâmica escolar, a aprendizagem e a convivência entre os jovens.



primeira pesquisa, acho que foram em 12 estados no Brasil, uma coisa enorme, 50 mil questionários (pela Unesco). Desse trabalho nós escrevemos três trabalhos: um foi a publicação *Violência nas Escolas*, o segundo foi *Drogas nas Escolas*<sup>5</sup>, e o terceiro foi *Sexualidade nas Escolas*<sup>6</sup>. Porque nós pegávamos esses estudantes, fazíamos com que eles respondessem um questionário, e deles, uma parte respondia sobre drogas, outra parte sobre violências nas escolas e outra sobre sexualidade - e tivemos três publicações, uma coisa que seria inviável hoje em dia pelo custo e mesmo pelo trabalho.

A partir daí, então, começaram algumas críticas dizendo assim: “bom, vocês estão vendo as violências nas escolas, mas vocês não estão vendo as experiências inovadoras”. Então nós fomos para outra pesquisa, que eram estudos de caso de algumas experiências inovadoras dentro das escolas. Depois disso, não paramos nunca mais. Continuamos com a questão da violência nas escolas e isso não era, absolutamente, um tema de políticas públicas e nem uma preocupação. Eu me lembro, nessa época, quando a gente conversava com os diretores, eles diziam: “não, na minha escola não tem violência, imagina, só tem umas brigas, uns roubos, alguns trazem faca, mas isso não é violência, é coisa de menino, coisa de criança, de adolescente”. Então, foi um tema muito mal aceito nas escolas. Como a escola, essa maravilha, essa perfeição, vai apresentar casos de violência?

Nós também trabalhamos, em um determinado período com o professor Éric Debarbieux, da França, e ele tinha uma linha de pesquisa sobre violências nas escolas. Trabalhamos juntos e escrevemos um livro a partir da metodologia dele<sup>7</sup>. Foi uma pesquisa grande, muito bonita. Fizemos um grande estudo em Brasília, que se chama “Revelando tramas, descobrindo segredos”. Fizemos algumas publicações para o MEC também sobre violência nas escolas e direitos humanos. E continuamos sempre nessa linha entre questões de juventude e violência e violências nas escolas, um tema não reconhecido. Eu dizia sempre que a política era de colocar debaixo do tapete as violências, sem política

---

<sup>5</sup> ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Drogas nas Escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

<sup>6</sup> ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

<sup>7</sup> DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (orgs.). *Violência nas Escolas: Dez abordagens europeias*. Brasília: UNESCO, 2002.



pública, sem necessidade de ver que o era preciso discutir e, entender a escola de uma forma muito mais crítica.

Até que, e talvez eu pule alguns anos, começaram os atentados. Quando começaram os atentados, isso começou a ser uma preocupação muito grande de políticas públicas. Houve um grupo no MEC coordenado Daniel Cara, fazendo parte a Andressa Pellanda e alguns outros pesquisadores - um grupo muito grande - e foi escrito um trabalho, “Ataque às escolas no Brasil”<sup>8</sup>, porque esses ataques foram piorando, piorando... Era um grupo de especialistas em violências nas escolas, escrevemos, levamos oito meses fazendo o trabalho. A partir daí eu tive uma decepção muito grande, porque nós achamos que finalmente o tema ia chegar como um tema nobre... Então, com a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, nós tivemos a ideia de começar um trabalho qualitativo, em profundidade, sobre as escolas que haviam sido atacadas. Fizemos um grande projeto e apresentamos para o Ministério da Justiça, que é quem estava trabalhando com a *deep web* e com todas as questões das redes.

Só que por meio da Campanha Nacional pelo Direito à Educação<sup>9</sup>, nós começamos a fazer uma pesquisa pequena, em São Paulo, em Goiás e em São Paulo (em São Paulo são dois lugares, Vila Sônia e Suzano, onde foi o primeiro ataque). Efetivamente, no ano passado [2024] fizemos o trabalho de campo, e foi um campo muito, muito difícil, muito duro. Trabalhar com esses temas é mexer com os traumas das pessoas e ao mesmo tempo fazer com que elas possam ter um processo de catarse e possam falar. Então foi um trabalho muito bonito, o qual estamos escrevendo agora e vou começar a apresentar em congressos. E com o Ministério da Justiça nós continuamos a conversar sobre o tema. Além do que, eu fui convidada para entrar para o NEV/USP<sup>10</sup>, onde tem algumas pessoas trabalhando esse tema também, o que vai nos reforçar.

**Entrevistadoras:** A respeito das suas experiências nesse percurso, tem alguma experiência que você gostaria de destacar nessa construção

---

<sup>8</sup> CARA, Daniel. Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília: Ministério da Educação, Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023.

<sup>9</sup> Mais informações disponíveis em: [Campanha lança Mapeamento Educação sob Ataque no Brasil | CNDE](#). Acesso em 28 abr. 2025.

<sup>10</sup> Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo.



de pesquisas sobre as violências nas escolas? Você já citou várias delas, mas há alguma que você gostaria de destacar por te tocar de alguma forma? Por que assim como a gente lida com o trauma das pessoas que passaram por esses tipos de violências, mexe com a gente também ao ser pesquisadora das violências, não é?

**Miriam Abramovay:** É, sem dúvidas, acho que isso é um tema. E nós temos trabalhado hoje em dia com a sociologia das emoções, e um dos temas que uma autora mexicana importante chamada Marina Ariza<sup>11</sup> nos deu muitos elementos. Sobre essa questão metodológica, ou seja, como que você entra nisso, como que você sai disso, o que você sente quando você tá aí dentro? Eu trabalhei com escolas em que o tráfico de drogas era presença visível, então eu tenho muitas experiências marcantes na minha vida, mas eu tenho a impressão que essa dos ataques da escola, conversando com professores que foram atacados, conversando com pais de jovens e com jovens que sofreram atentados de alguma forma, seja física ou psicologicamente, eu acho que foi a experiência mais sofrida. Muito choro, muito, muito choro. Porque você não é um pesquisador neutro... Foram litros de lágrimas, porque era impossível entender aqueles detalhes, de como a coisa tinha acontecido, de quais tinham sido as consequências na vida deles. E mais bonito e mais tocante: como os jovens conseguiram se sair dessa situação. Eu não peguei 100% das entrevistas, mas eu peguei algumas, eu entrevistei uns seis ou sete, e já é significativo. Muitos conseguiram sair disso, se é que podemos dizer, se saíram relativamente bem em suas próprias vidas. Então eu tenho impressão que, de todas as pesquisas realizadas, essa foi uma que me marcou muito.

Outra que me marcou muito foi um trabalho que nós fizemos com o BID, que antes eu esqueci de colocar no rol, que fizemos em Porto Alegre e no Ceará. E foi muito interessante porque nós tínhamos aquele conjunto de perguntas para os grupos focais: uma pergunta uma vez feita traz milhares de sentimentos. Dentro disso nós não perguntávamos absolutamente nada, pois não estava em nossa cabeça, sobre suicídio e automutilação. E foi algo que apareceu de forma tão violenta... Primeiro, a partir daí nós incorporamos as questões em todas as

---

<sup>11</sup> ARIZA, Marina. Las emociones en la vida social: miradas sociológicas. México: Universidad Nacional Autónoma de México-Instituto de Investigaciones Sociales, 2020, 378p.



pesquisas, e segundo, nós tínhamos que comprar caixinhas de lenço para levar nas entrevistas, porque era uma choradeira. Esse foi um ponto que muito me marcou também. Você pode ver que os pontos que mais marcam são aqueles pontos da violência física, porque você está lidando com vida e morte.

E lembrando assim, acho que nas primeiras pesquisas, quando nós descobrimos a questão do racismo, pois fizemos outro trabalho muito bonito com a professora Mary Garcia Castro<sup>12</sup>, e vimos o grau de racismo que existia no cotidiano. Teve uma professora antes de nós que trabalhou sobre isso, mas trabalhou com racismo na educação infantil e nós trabalhamos já no ensino fundamental e no ensino médio. E essa experiência também foi muito dura, porque você vê que existe um grau de sofrimento, principalmente na época (isso tem 18 anos), das meninas que têm o cabelo enrolado, crespo, não têm o cabelo liso. Hoje, isso é até um pouco admirado, mas na época era super mal visto. Eu lembro de uma pesquisadora negra que nós tínhamos em Brasília, ela chegou na escola e uma menina chegou para ela e perguntou: “você é muito pobre?”, e ela falou: “não, por que?”, “porque você não tem dinheiro para ir ao cabeleireiro. Olha o teu cabelo!”. Essa foi uma experiência dura, e a de homofobia também, quando nós descobrimos até que nível as pessoas eram homofóbicas nas escolas - professores estudantes, pais - isso também foi muito tocante.

**Entrevistadoras:** *Como você destacou a questão dos ataques às escolas, a próxima pergunta é a respeito do panorama das violências no Brasil hoje. Como é que você vê a situação das violências hoje? É diferente de outros momentos, onde foram realizadas outras pesquisas?*

**Miriam Abramovay:** Olha, a gente não tem estudo comparativo. Quando você não tem estudo comparativo, você não pode dizer se é melhor, ou se é pior ou se é igual. No Brasil não existe nenhum banco de dados sobre esse tema. Agora o MEC está começando a

---

<sup>12</sup> CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Relações raciais nas escolas: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília: UNESCO, INEP, 2006.



trabalhar com o pessoal do Atlas da Violência<sup>13</sup> e eu tenho impressão que vai sair alguma coisa daí de dados sobre isso, mas até agora não existe, então a gente não sabe se era pior, melhor ou mais ou menos. Inclusive eu acho que isso não importa muito, importa é que tem. O que não pode é continuar existindo, sendo que hoje é muito mais complicado.

A gente teve o governo Bolsonaro, que deu muita força para a questão das armas, que é outro drama das escolas. Para se ter uma ideia, a primeira pesquisa que a gente começou, faz mais de 20 anos. E desde essa pesquisa já surgiu um número, vamos dizer, não é muito elevado, mas já surgiu a questão de armas que são levadas para dentro da escola, armas brancas e armas de fogo. Inclusive, há uns três anos atrás, as Nações Unidas chamou vários pesquisadores para uma reunião (foi no Peru, se não me engano) sobre o tema de armas nas escolas<sup>14</sup>. Quando se faz as pesquisas e se diz que 1% de pessoas já viram revólver na escola, isso é muita coisa. Tudo é muito quando o fenômeno é violência.

Eu acho que o que a gente vê hoje são violências físicas. Nós fizemos uma pesquisa sobre juventude e pandemia, e agora estamos fazendo outra pesquisa sobre o que os jovens e a pós-pandemia, e eu estava lendo uma entrevista de São Paulo falando sobre o nível de violência e uma coisa que apareceu foi o nível de violência das meninas que querem ter a mesma “masculinidade”, mostrar que elas têm força - porque força é poder - que os meninos. Então o número de brigas violentas entre as meninas parece ser muito grande. Mas isso também eu já vi há oito, dez anos atrás, essas meninas não querem ser “menininhas”. Uma coisa que a gente vê nas pesquisas quando se fala de futuro, não mais se fala: “eu quero casar”. Os meninos falam mais isso que as meninas. Não é um dado quantitativo estatístico, mas é empírico de pesquisas qualitativas. Então eu acho que nós tivemos algumas mudanças, não podemos dizer se é melhor ou se é pior.

Eu acho que qualquer fenômeno de violência que continue a essa altura é terrível, prejudica o cotidiano da escola, prejudica a gestão da escola -

---

<sup>13</sup> Relatório anual elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que analisa dados sobre violência, com foco em homicídios e outros indicadores de segurança pública.

<sup>14</sup> UNILIREC – Centro Regional das Nações Unidas para a Paz, o Desarmamento e o Desenvolvimento na América Latina e no Caribe. Armas de fogo em escolas da América Latina e Caribe: abordagens, desafios e respostas. Peru: Nações Unidas, 2019.



que não é nada democrática - e prejudica o cotidiano dos alunos. E mais, as pesquisas mostram que prejudica a aprendizagem, eles são tremendamente prejudicados com essa questão do clima escolar. Inclusive há autores que dizem que o clima escolar é mais importante do que o nível de escolaridade dos pais, ou seja, a escola consegue reverter situações que pareciam que eram não reversíveis. A escola, dependendo do clima escolar que ela tenha, consegue reverter.

**Entrevistadoras:** Queremos perguntar também, professora, se você acredita que há uma intensificação da violência?, Claro, sem fazer essa questão comparativa, mas principalmente diante da situação dos ataques que vem ocorrendo nos últimos anos, nas duas últimas décadas. E quais fatores você considera que são preponderantes para essa intensificação acontecer, especialmente dentro da educação?

**Miriam Abramovay:** O que teve preponderância nos últimos anos foram as violências contra as escolas através dos ataques<sup>15</sup>. O que a gente não pode negar são duas coisas. Primeiro, a questão das comunidades digitais e da pandemia: a pandemia fez com que esses meninos e meninas ficassem em casa e tivessem que explorar tudo através da Internet. Segundo, eu acho que a escola não mudou: acabou a pandemia e a escola continuou como era. A gente tinha uma expectativa muito grande de que a escola mudasse e a escola não mudou, ela continua igualzinha, só que as pessoas mudaram. Quer dizer, os estudantes mudaram, as famílias mudaram, os professores mudaram. E a escola continuou engessada exatamente como ela era. Então, nesse documento [relatório “Ataque às escolas no Brasil”] a gente fala que tem que ter ações de combate ao ódio e ações de prevenção. Ações preventivas são fundamentais.

Outra coisa importantíssima também que aumenta a possibilidade de violência nas escolas é a infraestrutura. Uma escola que é mal cuidada,

---

<sup>15</sup> O relatório “Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental” (Cara, 2023), identificou 16 ataques a escolas no Brasil entre 2002 e 2023, com um aumento significativo a partir de 2019 e pico de incidentes no primeiro semestre de 2023. Já o relatório de política educacional “Ataques de violência extrema em escolas do Brasil: causas e caminhos” (Vinha; Garcia *et al*, 2023) identificou 36 episódios desde 2001, cometidos por 39 jovens estudantes ou ex-estudantes, contra 37 escolas, 40 vítimas fatais (incluindo suicídios de atiradores) e 102 feridos, sendo que 58,33% dos casos ocorreu entre fevereiro de 2022 e outubro de 2023.



mal pintada, em que a comida é ruim, em que as paredes são pichadas, é uma escola onde os alunos tendem a não cuidar do espaço. Outro tema importante é que falta formação para os professores. É um tema fundamental, mas a formação na discussão desses temas: racismo, homofobia, o que é a escola, o que é violência, como se dá a violência nas escolas, qual o papel do professor, qual o papel dos estudantes, relação escola-família (que ainda é muito ruim e complicada) e a questão desse fenômeno que a gente tem visto muito, que é a saúde mental a partir da pandemia. Temas que a escola fica um pouco perdida sobre o que fazer.

**Entrevistadoras:** Então pensando a partir desses fatores, como você avalia as políticas públicas que já existem para prevenção das violências escolares?

**Miriam Abramovay:** Eu acho que a gente não tem, no Brasil, processos sérios de avaliação de políticas públicas em educação, a não ser os quantitativos, não é verdade? Você sabe qual escola é melhor, qual tem nota maior, qual escola é pior, qual aluno é melhor, qual é pior. A avaliação de políticas públicas em geral não é feita e não é levada a sério para além dos números e do quantitativos. E isso é uma coisa importante, qualquer política pública tem que ser avaliada. E eu não falo só sobre educação, mas na educação é fundamental fazer acompanhamento e avaliação das políticas públicas. Então, se você me perguntar o que que tá funcionando, eu não tenho a mínima ideia, não sei. Eu espero que tenha algo que esteja funcionando.

**Entrevistadoras:** E a partir de coisas que já foram citadas a respeito de pandemia, de juventude, de comunidades, como você pensa a articulação entre sociedade, mídia, tecnologia, família e escola na prevenção das violências? É possível articular todos esses segmentos, uma vez que eles estão envolvidos nas violências que estão ocorrendo?

**Miriam Abramovay:** Existe essa articulação sobre outro tema? Sobre políticas da juventude, políticas do cuidado, sobre saúde, existe?

**Entrevistadoras:** Não.

**Miriam Abramovay:** Já respondeu.

**Entrevistadoras:** E há uma cobrança, de certa forma, de uma participação da família nesse enfrentamento das violências, de que as



famílias se envolvam, cuidem, estejam cientes, mas ao mesmo tempo se cobra da escola, não é? Então não há uma construção para essa articulação acontecer. É só uma expectativa de que ela exista?

**Miriam Abramovay:** Exatamente. Porque a escola cobra da família, a família cobra da escola e elas acabam se tratando como se fossem inimigas. Mas eu acho que tem mais. Tem políticas de assistência social, por exemplo. Vou contar um caso: “Em dos dos nossos estudos de caso, disso que a gente está fazendo, apareceu numa escola que foi atacada: o menino já tinha estudado lá, saiu para ir para outra escola, voltou. Mas ele tinha símbolos nazistas na roupa e nunca ninguém fez nada. Nunca, ninguém”. Quer dizer, continua existindo essa política do silêncio, de fingir que não se vê, para não ter problemas, e para não dar problema. Esse foi um caso tão emblemático que eu fiquei tão impressionada, porque o menino tinha os símbolos nazistas, fascistas, fazia desenho dos símbolos. Nunca ninguém fez nada, até o dia em que ele foi e atacou.

**Entrevistadoras:** Agora a respeito da possibilidade de uma educação que não seja violenta, quais são as suas perspectivas? Quais são as principais lacunas que você identifica, os maiores desafios que a gente tem para conseguir construir uma educação não violenta?

**Miriam Abramovay:** Uma educação mais democrática. Eu acho que a primeira coisa é uma escola mais democrática, com a gestão democrática, com a participação dos estudantes (que também não existe), com a possibilidade de efetivação de grêmios. Onde tanto alunos, quanto professores, quanto pais, quanto funcionários possam ter voz e onde as regras da escola possam ser discutidas e consensuadas, que absolutamente não são. Por fim, a gente vive uma escola ainda muito autoritária, muito autocrática, em que muitas vezes os adultos, como em uma sociedade adultocêntrica, acham que sempre têm razão. E os jovens, adolescentes e as crianças (por que não?), sempre ficam como secundários. Assim a gente não vai conseguir, não.

**Entrevistadoras:** Em seu livro “Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas”<sup>16</sup>, você afirma que para aprimorar uma realidade é preciso conhecê-la. No caso da realidade

<sup>16</sup> ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.



escolar, é preciso diagnosticá-la para que a intervenção seja adequada. Como, então, criar instrumentos para esse diagnóstico, quais os papéis da gestão e dos educadores nesse processo?

**Miriam Abramovay:** Eu acho que isso não é escola por escola, é uma política pública geral. Por exemplo, eu vou trabalhar em Lages [cidade das entrevistadoras]. Eu acho que Lages tem que ter um diagnóstico sobre o que que está acontecendo dentro da escola, qual é a situação da escola? Que tipo de aluno nós temos, que tipo de problemas nós temos? Que tipo de coisas positivas nós temos? Que tipo de problemas de violência nós temos? Nós temos toda uma metodologia, e já fizemos isso na prática, que esse diagnóstico tem que ser devolvido para as secretarias de educação e para as escolas. E então, as escolas farão um plano de ação. Mas, tudo isso precisa de orçamento, de dinheiro e de gente. Sem diagnóstico não existem políticas públicas. É impossível existirem políticas públicas, porque se não a gente não sabe o que está trabalhando, não sabe quais são as questões envolvidas, sejam elas positivas ou negativas.

**Entrevistadoras:** Nesse sentido, quanto à criação de uma política pública local, regional, de prevenção às violências escolares ou mesmo de um programa institucional, quais aspectos além da questão do diagnóstico podem ser relevantes?

**Miriam Abramovay:** A possibilidade de que se conheça esse material, de que se possa retrabalhar localmente esse material, e a partir daí se saiba e se possa ter um diagnóstico participativo para poder fazer um plano de ação. Porque as questões muitas vezes, podem ser pequenas questões do cotidiano, das relações sociais que não estão funcionando, questões relacionadas ao uniforme, questões relacionadas às regras das escolas, enfim, questões que parecem tão preliminares, mas que no cotidiano da escola tomam um lugar muito importante.

**Entrevistadoras:** Uma última questão tratando da participação estudantil na prevenção às violências, por favor. Em outras entrevistas você pontua a questão da cultura juvenil, trazendo à tona a invisibilização, a qual se condiciona a experiência dos jovens na escola. Como esse distanciamento geracional e institucional, também



entre estudantes e professores ou estudantes e escola, pode ser superado?

**Miriam Abramovay:** A escola teria que aceitar a cultura juvenil, porque ela aceita só a cultura dela, que é cultura escolar. Ela não aceita a cultura nem infantil, nem juvenil, nem do adolescente, e ela não aceita a cultura popular. E não leva em conta o que acontece nos arredores da escola. A escola poderia ser um lugar de formação de futuros pesquisadores, porque os meninos e as meninas sabem pesquisar suas realidades. Você tem que dar instrumentos para eles, eles poderiam fazer isso e apresentar um plano de ação do que pode ser feito. Mas, quando a gestão não é democrática, quando tudo vem de cima para baixo, sem poder ser discutido, a mudança se torna muito difícil.

**Entrevistadoras:** Há algum outro aspecto relacionado às violências nas escolas que não foi abordado nesta entrevista e, que você considera que mereça ser contemplado?

**Miriam Abramovay:** Eu acho que é importante a gente delimitar os diferentes tipos de violência. Tem a violência que está no Código Penal, que é a violência dura. Tem a violência que é a do cotidiano - o que os diretores e mesmo os meninos e meninas, muitas vezes dizem, é que “*violencinha*”, acontece no cotidiano da escola, passa a fazer parte da escola. Tem uma violência que é terrível, que você falou agora mesmo, que a violência institucional. Ou seja, a escola recebe violência de fora para dentro porque nós vivemos numa sociedade tremendamente violenta, e ela reproduz essa violência, mas ela também produz as suas próprias violências, e isso a gente não pode esquecer. Tem ainda a violência que o Bourdieu fala, que é a violência simbólica, aquela que não se percebe ou que a pessoa que está recebendo não consegue ter uma ação em função daquilo que está acontecendo.

E tem a violência de gênero, que pode ser muito sutil no cotidiano e na sociedade, mas que pode ser tremendamente agressiva – como o assédio e a violência sexual, que aparecem frequentemente nas pesquisas. Além dessa questão sobre os atentados às escolas, da masculinidade tóxica, misógina, pois os que a fazem, odeiam meninas, odeiam mulheres, assim como odeiam negros e homossexuais, mas odeiam fundamentalmente mulheres. Então, eu acho que a gente precisa pensar as violências, como



elas são amplas, como elas são diversas. E sempre contando também que existe uma violência da escola, isto é, as pessoas não são culpadas pelo que acontece e ao mesmo tempo são culpadas pelo que acontece, porque a escola deixa que aconteça.

### **Reflections on education, youth and violence in schools: interview with Miriam Abramovay**

**Abstract.** This interview was conducted on February 27, 2025, with internationally recognized sociologist Miriam Abramovay. The dialogue provided a unique opportunity to contextualize the theme of violence and youth within the broader framework of studies on school violence. Miriam Abramovay's research on school violence in Brazil reveals a complex and multifaceted phenomenon, characterized by various expressions of violence, ranging from bullying and discrimination to structural racism, as well as physical and sexual violence. Her studies highlight the influence of factors such as socioeconomic inequalities, gender issues, race, and sexual orientation, along with the broader societal violence that permeates and intensifies violence within school environments. Abramovay also emphasizes the importance of considering the perspectives of the different actors involved—students, teachers, and school administrators—to achieve a deeper understanding of the phenomenon and to formulate effective prevention and intervention strategies. Her research underscores the urgency of public policies and pedagogical practices that promote a culture of peace, respect for diversity, and the construction of safe and welcoming school environments.

Keywords: School violence. Prevention actions. Youth. School.

*Leticia Camargo Macedo*



*Licenciada em História pelo Centro Universitário Unifacvest, especialista em Sociologia pela Faculdade de São Vicente e especialista em Ensino de História na Educação Básica pela Faculdade Líbano. Atualmente é Mestranda em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac) e professora da rede pública estadual de Santa Catarina.*

*ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5806-3749>  
E-mail: [leticiaamargo@uniplaclages.edu.br](mailto:leticiaamargo@uniplaclages.edu.br).*

***Mareli Eliane GRAUPE***

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Mestre e Doutora em Educação.*

*E-mail: [prof.mareli@uniplaclages.edu.br](mailto:prof.mareli@uniplaclages.edu.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1376-7836>*

*Recebido em: 27/04/2025*

*Aprovado em: 11/05/2025*